

A SIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UMA LEITURA POR MEIO DO BINÔMIO DAMATTIANO CASA E RUA

Nayara Rodrigues Bernardes (UFES) - nayararbernardes@gmail.com

Christianne Lobato Ramalho da Silva (UFES) - achristianne@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as significações que as catadoras de materiais recicláveis, duma associação no município de Vitória, Espírito Santo, fazem dos espaços casa (associação) e rua, através da lente de análise dessas categorias opostas desenvolvidas por DaMatta (1997a). A temporalidade, através da memória das catadoras, é utilizada para fazer um paralelo de construção e reconstrução entre os espaços da casa e da rua. Utilizamos de uma metodologia de inspiração etnográfica, devido à reduzida permanência em campo. As técnicas, para coleta de dados, foram: a observação participante, o diário de campo e a entrevista semiestruturada, que ocorreram em junho de 2015. Nessa vivência foi depreendido que casa e rua não são categorias homogêneas, como argumenta DaMatta (1997a), mas elas são construídas e reconstruídas de acordo com o tempo e o sentido para cada ator social.

Palavras-chave: *espaço, casa, rua, catadoras de materiais recicláveis*

Área temática: *GT-02 O Lugar do Espaço nos Estudos Organizacionais: Espacialidades, Materialidades, Territorialidades*

1 INTRODUÇÃO

As discussões das categorias dual damattiana não são recentes. Trabalhos empíricos podem ser mencionados como o de Soares (2000) apresentando uma análise sobre a construção de um *Shopping Center* no Rio de Janeiro, no qual é proporcionado na rua um espaço de casa; Carrieri et al. (2007) evidenciando as mudanças das práticas de gestores informais, os camelôs de Belo Horizonte, na transição do espaço da rua para o *Shopping Popular*, tendo observado diversas significações para os dois espaços, assim como estratégias de práticas diversificada; e o trabalho de Ferreira e Leão (2016) que realizou uma análise das diferentes concepções dos torcedores do Náutico de Pernambuco, ao transitar da sua antiga “casa”, o Estádio dos Aflitos, para a nova Arena, além de outros subsídios.

Diante de tantas contribuições, entretanto, ainda não foram identificadas pesquisas que busquem compreender as significações obtidas por catadoras de materiais recicláveis. Estas trabalhadoras tiveram a potencialização da mudança de espaço da rua para uma associação com a promulgação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) sancionada em 2010, após 20 anos de tramitação. Com a citada política, os municípios passaram a incentivar a criação de organizações de catadores e de catadoras, ou fortalecer as já existentes, com o intuito de retirar das ruas e dos lixões esses trabalhadores. Apesar da associação pesquisada ter sido constituída antes da PNRS, sua criação não se diferencia do contexto atual, pelo fato de ter ocorrido por meio do incentivo da Prefeitura Municipal de Vitória, Espírito Santo.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo compreender as significações que as catadoras de materiais recicláveis fazem dos espaços da Associação, localizada no município de Vitória, estado do Espírito Santo - enquanto o espaço da casa -, e da rua – construída, através da memória, e reconstruída, através do cotidiano.

Optamos por referenciar a Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (ACCMR) enquanto um espaço de casa, pois é oposto ao espaço vivenciado anteriormente, pela maioria das catadoras, que é o espaço da rua. Além disso, algumas catadoras significam a associação enquanto um ambiente de casa. Outra categoria de

análise é o tempo. Utilizamos aqui da memória de quando elas catavam na rua e o momento atual na associação, fazendo essa interlocução entre espaços e temporalidades distintos.

Para isso, buscamos como referência para a interpretação dos dados as categorias sociológicas opostas, casa e rua, dos estudos de DaMatta (1997a) que ele faz na leitura da construção da sociedade brasileira. Diante dos conceitos de casa e rua apresentados por DaMatta (1997a), buscamos a leitura das significações desses espaços para as pesquisadas. Estes espaços só existem devido um ser o oposto do outro (DAMATTA, 1997a). Além disso, observamos, ainda segundo o citado autor, o que está entre essas duas categorias, visto que, não existem somente a casa e a rua, como espaços homogêneos, mas também há um espaço intermediário de significações simbólicas.

Considerando que a maioria dos sujeitos de pesquisa, no *locus* de investigação, eram mulheres, em especial na mesa de triagem - lugar no qual uma das pesquisadoras pôde interagir com as pesquisadas para coleta de dados observação participante -, será utilizado o termo catadoras de materiais recicláveis, no feminino, como referência as nossas pesquisadas. Além da observação participante também foi utilizada, de forma complementar, a entrevista semiestruturada, que foram gravadas e transcritas. O registro das observações participantes ocorreu no diário de campo, por meio de uma descrição densa.

Justificamos a escolha da temática, devido à prévia experiência de uma das pesquisadoras com associações de catadores, desde a graduação. Inicialmente, por meio de sua inserção no projeto de extensão intitulado Incubadora Tecnológica de Empreendimentos de Economia Solidária (ITEES) e, em momento posterior, trabalhando na coordenação de um projeto que acompanhou três associações de catadores no Sul do Espírito Santo. Este, inclusive, pertencente a uma Entidade de Assessoria e Fomento (EAF) a empreendimentos de economia solidária, que também presta assessoria à associações de catadores, por ser um desses empreendimentos.

Assim, diante da experiência obtida por uma das pesquisadoras, da revisão teórica e da contextualização da temática, formulamos a seguinte pergunta: como as catadoras de

materiais recicláveis, numa associação de Vitória, Espírito Santo, significam os espaços da casa e da rua? Para responder a este problema o artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, realizamos uma revisão teórica do conceito das categorias casa e rua, segundo a concepção de DaMatta (1997a). Prosseguimos com a demarcação histórica do rito vivido pelos sujeitos pesquisados, no qual teve como marco a passagem do espaço da rua para a casa. Na sequência, traçamos o percurso metodológico adotado, para depois ser realizada uma interpretação da descrição densa, através da vivência no campo, das ações, das conversas, dos sentimentos e anseios, que possibilitaram reportar as vivências dos sujeitos pesquisados nas ruas e do agir cotidiano na associação. Por fim, algumas considerações finais sobre estudo.

2 A CASA E A RUA: CATEGORIAS DAMATTIANA

O espaço, para DaMatta (1997a), não corresponde somente a um simples aspecto físico, mas também à entidade moral. Sendo assim, o espaço é portador de moralidade e influenciará e moldará as práticas cotidianas “[...] o que temos aqui é um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica, mas - isso sim - por intermédio de contrastes, complementaridades, oposições.” (DAMATTA, 1997a, p.8). Assim, o referido autor irá ler as construções sociais por meio do antagonismo da casa e da rua. O que determina o que o sujeito deve fazer, como deve comportar, falar, é o espaço o qual ele está situado, pois na rua ocorrem certos comportamentos que na casa não são permitidos.

Casa e rua, segundo DaMatta (1997a), só existem devido um ser o oposto do outro. A casa, para o citado autor, é o lugar onde se conserva a moral e os bons costumes, é o espaço do aconchego, do conforto, da confiança, do carinho, de relações de família, de amizade e de favores. É nesse espaço que o sujeito desenvolve os laços de pessoa, do reconhecimento, onde vive o “supercidadão” (DAMATTA, 1997a).

A rua, por sua vez, corresponde ao espaço da disputa, da impessoalidade, é um lugar perigoso e desumano, “[...] o espaço público é perigoso e como tudo que o representa é, em princípio, negativo porque tem o ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora”

(DAMATTA, 1997a, p. 42). Segundo o citado autor, é na rua que se encontra o indivíduo, o “zé-povinho”, o “subcidadão”.

Apesar disso, o referido autor destaca que as categorias casa e rua não se configuram de modo homogêneo, pois há espaço intermediário de significações simbólicas. Isto porque existem situações em que o espaço da rua será, para alguns, sua moradia - a exemplo dos moradores de rua. Em data festiva, como o carnaval, a rua torna-se casa, assim como a casa tem seus espaços “arruados”, como a varanda, a sala de visitas (DAMATTA, 1997b). Além disso, existem subespaços que servem de intermediação de uma categoria para a outra, como as janelas, as praças, os jardins, entre outros lugares (DAMATTA, 1997a).

Nesses espaços distintos também se encontram sujeitos distintos. Isto porque, como pontuado anteriormente, o espaço da casa é o lugar onde habita a pessoa, considerada enquanto “supercidadã” (DAMATTA, 1997a). Já no espaço da rua, onde prevalece as relações de impessoalidade, está o indivíduo, o “joão-ninguém”, o “subcidadão” (DAMATTA, 1997a). Para o referido autor, isso não se configura enquanto subjetividade do sujeito, mas, são papéis sociais desenvolvidos por cada um, de acordo com o espaço no qual ele está situado. Além disso, o referido autor destaca que a noção de cidadania não é homogênea a todos. Existe uma escala hierárquica dos mais ou menos cidadãos. Essa hierarquia é montada de acordo com a proximidade que cada cidadão tem com o Estado, segundo sua ocupação num cargo, tendo maior prestígio diante da sociedade (DAMATTA, 1997a).

Nesses espaços, além de terem papéis diferenciados, também há tempos distintos. O tempo da casa é um tempo cíclico, onde faz e se refaz todas as vezes que se está e se ausenta do ambiente da casa (DAMATTA, 1997a). Já o tempo da rua é linear e desordenado, tempo este que por ser impessoal não se sente saudades (DAMATTA, 1997a).

Porém, a sociologia dual de Roberto DaMatta recebe muitas críticas por pautar a leitura da construção da realidade brasileira no antagonismo casa e rua. Souza (2001) reconhece a importância do trabalho de DaMatta nas Ciências Sociais, mas não

concorda com seu pensamento baseado num raciocínio estruturalista. Ele argumenta que não ocorre essa separação rígida que o pensamento damattiano propõe, visto que não tem como deixar apenas na rua as interferências do Estado e do mercado, estes perpassam e influenciam todos os ambientes.

Outra crítica que Souza (2001) tece à sociologia de DaMatta, refere-se a construção do sujeito de acordo com o espaço o qual ele está referenciado. Para Souza (2001) isso não se efetiva, visto que nem sempre o espaço da casa é tido enquanto o espaço do afeto, da cidadania, pois, como relata o citado autor, não haveria como explicar quando uma mulher sofre violência doméstica.

Mesmo sabendo dessas limitações, referentes à leitura que DaMatta faz da construção da sociedade brasileira, será utilizado seu pensamento para ler o rito de passagem o qual as catadoras de materiais recicláveis tiveram ao se deslocarem da rua, espaço vivenciado anteriormente pela maioria delas, para o espaço da associação, lugar que aqui é denominado como casa pelo fato de ser considerada a segunda casa para a maioria das pesquisadas..

Outra categoria de análise é o tempo. Tanto o tempo, segundo a concepção de DaMatta (1997), de ter a rua como um lugar que não se deve sentir saudades e a casa como um tempo cíclico que se refaz a cada reencontro. Quanto a interlocução, através da memória das catadoras, entre os espaços e temporalidades distintos.

Diante disso, a próxima seção irá discorrer sobre o momento que simbolicamente foi demarcado como o rito de passagem das ruas para a associação, referida aqui como o espaço da casa, do “supercidadão”, tido enquanto espaço “privilegiado”.

3 DA RUA PARA A CASA

Para realizar a análise da construção dos espaços que as catadoras de materiais recicláveis fazem sobre as categorias casa e rua, foi necessário entender o processo de mudança de espaço de trabalho que antes era realizado na rua e agora há uma política

que incentiva que estes trabalhadores se insiram em associação ou organizações similares, fazendo aqui uma analogia com a categoria casa.

Relatos encontrados em Almeida e Gobbi (1983), Bosi (2008), Magalhães (2013) e Silva e Zanini (2013) trazem dados que os catadores de materiais recicláveis aderem a esta profissão, em sua maioria, para fugir do desemprego. Nem sempre a figura do catador foi associada ao espaço da rua. Bosi (2008) lembra que no poema *O Bicho* de Manuel Bandeira, de 1947, retrata a existência de indivíduos que catavam restos de comida no lixão. Esta realidade também foi identificada na trajetória dos catadores de materiais recicláveis de Vitória, Espírito Santo, onde além de catarem materiais recicláveis, para serem vendidos, eles também buscavam sobras de alimentos para a sua subsistência e de sua família (ALMEIDA; GOBBI, 1983).

Um ponto que se distancia da realidade descrita por Manuel Bandeira (BOSI, 2008) e Almeida e Gobbi (1983) é que os catadores atualmente não buscam, na maioria das vezes, alimentos, pois os resíduos sólidos tais como papel, alumínio, plástico, vidro, isopor, entres outros, obtiveram uma grande importância no cenário econômico. Ao menos, no *locus* da pesquisa, não observamos nenhuma trabalhadora buscando alimentos em meio aos resíduos sólidos. Além disso, ninguém mencionou, nas narrativas, que retirava alimentos do lixo para sua subsistência.

Nos estudos de Bosi (2008), Magalhães (2013) e Silva e Zanini (2013) observamos que a rua era o local privilegiado do trabalho dos catadores de materiais recicláveis. Esses trabalhadores, que andejavam nas ruas catando recicláveis, eram considerados marginais tanto pela sociedade, quanto pelo governo (MAGALHÃES, 2013; SILVA; ZANINI, 2013). Segundo DaMatta (1997a), o estereótipo de marginal, que as pessoas atribuem àquelas que estão ou são da rua, é construído socialmente. Isso porque, é no espaço da rua “[...] que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família” (DAMATTA, 1997a, p.39).

O espaço da rua também é considerado como uma passagem. Assim também foi para os catadores. “É porque vivemos de fato entre e na passagem de um grupo social para

outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como elemento socialmente importante”. (DAMATTA, 1997a, p.28).

A transformação do espaço de atuação dos catadores de materiais recicláveis, no Brasil, ocorreu de modo gradativo. Bosi (2008) pontua que o trabalho dos catadores de materiais recicláveis ganhou importância a partir da década de 1980. Essa relevância foi observada, para o citado autor, através do aumento do número de associações constituídas no país. De acordo com Bosi (2008), esse crescimento só foi possível porque a cata, a triagem e a venda dos materiais recicláveis se apresentam como um negócio rentável para o capital.

Para Bosi (2008), o catador na cadeia da reciclagem é uma vantagem para o setor industrial, visto que este não se responsabiliza pelos encargos trabalhistas a serem pagos aos catadores. Isso porque a relação entre eles é através da venda dos recicláveis, quando isso ocorrer de maneira direta, e não se caracteriza numa relação de contrato de trabalho.

Outro fator, que também contribuiu para a mudança de espaço da rua para a casa (a associação), foi à promulgação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) em 2010. Neste contexto, várias questões foram pontos de pauta do Ministério Público¹ no acompanhamento da implementação dos instrumentos da PNRS pelos estados e municípios. Um dos instrumentos em questão é o “Art. 8º, IV - o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis” (BRASIL, 2010).

Foi constatado, como dado de pesquisa, que este é o marco o qual potencializa a “retirada” dos catadores dos espaços da rua. O que ocorre, nesse contexto, é um “rito histórico de passagem” (DAMATTA, 1997b), que neste trabalho associamos a esse rito histórico estabelecido pela PNRS. Sinalizamos a PNRS enquanto um “rito histórico de passagem” uma vez que mesmo com o contexto de aumento de associações apresentado por Bosi (2008), ainda existiam catadores e catadoras circulando pelas ruas. Talvez para

¹ Através do acompanhamento da implementação dos instrumentos da PNRS por meio dos Termo de Compromisso Ambiental (TCA) (AMUNES, acesso 15 de nov., 2015).

as catadoras pesquisadas a PNRS não simboliza o “rito histórico de passagem” da categoria rua para casa, porque antes da citada política o rito de passagem já havia ocorrido.

Optamos por utilizar a palavra retirar para evidenciar que nem sempre os catadores optaram em constituir uma associação ou cooperativa. Esses trabalhadores eram mal vistos pela sociedade e pelo governo, assim como retrata Magalhães (2013) e Silva e Zanini (2013). É como se estando na esfera privada, no âmbito da associação - aqui relacionada, como o espaço da casa, da coletividade, como descreve DaMatta (1997a) - os catadores passassem a não serem mais caracterizados como marginais e o seu trabalho passasse a ser valorizado. A questão da valorização do trabalho não é um ponto homogêneo, assim como a construção das significações dos espaços por cada catadora.

Feita as contribuições referente ao “rito histórico de passagem” da rua para casa, no próximo tópico desenvolvemos nosso percurso metodológico. Exporemos tanto o procedimento de escolha pelo *locus* de pesquisa, quanto as técnicas de coleta de dados utilizadas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem natureza qualitativa, de caráter descritivo, com inspiração etnográfica como forma de aproximação do campo pesquisado. Denominar este trabalho enquanto inspiração etnográfica vai ao encontro da proposta de Corso, Cavedon e Freitas (2015), ao argumentarem o fato da reduzida permanência no campo de pesquisa. Segundo Cavedon (2003, p.143) “O método etnográfico consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre uma determinada comunidade com a finalidade de melhor conhecer o estilo de vida ou a cultura específica da mesma”.

A escolha do método se pautou pela possibilidade de proporcionar um melhor entendimento dos sentimentos, das ações, das motivações, das vontades e das significações das catadoras, pois uma das pesquisadoras pôde vivenciar e compartilhar com elas o seu cotidiano e entender a construção dos espaços simbólicos das catadoras por meio do olhar de uma das pesquisadoras. Isso se torna possível através do processo

de aculturação, ou seja, na busca de entender o outro através de seu olhar, na condição de não somente observar as práticas dos sujeitos de pesquisa, mas também participar de seu cotidiano, a fim da pesquisadora, que foi a campo, não fosse uma mera expectadora (ROCHA; BARROS; PEREIRA, 2005).

O primeiro passo realizado foi o processo de acercamento, que consistiu em levantar informações sobre a temática. Além disso, contatamos as Entidades de Assessoria e Fomento (EAFs) a empreendimentos de economia solidária, as quais também prestam assessoria às associações de catadores no Espírito Santo, as quais indicaram uma associação localizada no município de Vitória pelo fato dela ser a mais organizada e instituída por meio do apoio do poder público municipal.

Os membros das EAFs nos concederam várias informações, como endereço e a quem deveríamos procurar. Optamos por fazer nosso primeiro contato sem agendamento. Nesta primeira visita, uma das pesquisadoras foi bem acolhida por uma representante da diretoria, a qual passou a ser a nossa informante chave, pois ela se tornou um elo entre a pesquisadora e os membros da associação. Ela estava varrendo o portão de entrada dos caminhões que fazem a descarga dos materiais recicláveis. Não deu para ver nada no interior da associação, pois a frente estava coberta de *bags*² quase chegando ao teto. Neste contato, foi repassada a nossa informante o objetivo da pesquisa, bem como os procedimentos de coleta de dados. Ela nem pensou muito, concordo e já marcamos o dia e horário que uma das pesquisadoras poderia começar.

Após o processo de acercamento, uma das pesquisadoras iniciou sua inserção no campo, no qual utilizou a técnica da observação participante. Por meio desta, a obtenção de informações do campo ocorreu de modo mais espontâneo, na medida em que as catadoras não se sentiram coagidas com uma estranha observando suas ações. Isto porque “[...] a observação participante é uma técnica cujo fundamento reside num certo processo de aculturação do pesquisador” (CAVEDON, 2003, p. 147). No entanto, a citada autora ressalta que isto não significa tornar-se um “nativo”, um membro da organização. No campo, isso se tornava claro, visto que a pesquisadora tinha certas

² Os *bags* são os sacos de náilon grande que são colocados dentro dos Pontos de Entrega Voluntária (PEVs) espalhados pelos bairros da capital do Espírito Santo e os condomínios cadastrados.

regalias, como usar o banheiro que somente as visitas e os membros da diretoria utilizam.

No primeiro dia de observação a informante chave sugeriu que a pesquisadora ficasse na mesa de triagem. Isso fez com que esta pesquisa tivesse um recorte de gênero, uma vez que na mesa somente havia mulheres. Ela apresentou à catadora D, no intuito dela ensinar a uma das pesquisadoras o processo de separação dos materiais recicláveis. Houve uma boa receptividade em campo. Isso é devido à associação já ter recebido uma estudante de direito que realizou um trabalho similar na mesa de triagem, apesar de objetivos diferentes.

Durante a observação participante era impossível tomar nota de acontecimentos, pois o bloquinho de anotações iria ser confundido com material reciclável e parar no tonel dos papeis brancos³. Utilizar a tecnologia, a exemplo do celular, também não seria uma tarefa fácil, pois tirar e botar as luvas, no meio do processo de triagem e observação, para anotar quebraria o processo de interação. Assim, logo após a observação a pesquisadora que foi a campo chegava a casa e fazia uma descrição densa, que é ir além da descrição do que se observou, é descrever e interpretar os dados coletados no campo (GEERTZ, 1989). Essa descrição densa era feita no diário de campo que é “[...] a forma consagrada de registro da observação participante, de entrevistas e demais interações ocorridas nos locais pesquisados [...]” (DALLA CHIESA; FANTINEL, 2014, p. 5).

Valladares (2007) salienta que a observação participante também tem suas limitações, pois o pesquisador não consegue estar em todos os momentos e nem tomar nota de tudo. Devido a isso, as informações obtidas foram complementadas por meio da técnica de entrevista semiestruturada, também realizadas em junho de 2015. Como a entrevista foi a título complementar das informações, foi elaborado o tópico guia com os aspectos que emergiram no campo. No procedimento de coleta de dados foi dada importância a questão do sigilo das pesquisadas. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Além de complementar as informações da observação participante, a entrevista teve o intuito de coletar informações das catadoras buscando, em suas memórias, a vivência no

³ Existe a classificação de quatro tipos de papeis: os papelões, os papeis brancos, os mistos e os jornais.

espaço da rua. Foram realizadas três entrevistas. A escolha dessas entrevistadas seguiu o requisito de ter trabalhado na cata de recicláveis no espaço da rua. As demais narrativas vieram de conversas espontâneas que uma das pesquisadoras estabeleceu com as catadoras na mesa de triagem. Na maioria das vezes eram elas que iniciavam, pois como sabiam que se tratava de uma pesquisa volta e meia aparecia a seguinte pergunta “e aí, o que você quer saber?”.

A mesa de triagem era composta por 12 catadoras de materiais recicláveis. No período de vivência de duas semanas, na associação, a pesquisadora pôde fazer o rodízio de lugar na mesa e, com isso, estabelecer contato com todas. Pelo fato da pesquisadora ter tido somente contato com mulheres na mesa de triagem, que nessa associação eram maioria, quando nos referirmos, nesta pesquisa, a esta categoria de trabalhadores pelo gênero feminino estaremos fazendo menção as nossas pesquisadas.

Os primeiros contatos foram mais difíceis, principalmente para uma das pesquisadoras, pois ela tinha uma concepção homogênea e genérica do que vem a ser o espaço da casa e o espaço da rua. Tanto é que ela optou por fazer a observação numa associação e não acompanhar um catador ou uma catadora na rua, pois tinha, ou ainda tem, o espaço da rua como “perigoso”. Assim, ela levou para o campo todas as suas pré-noções como ir com a roupa mais surrada no primeiro dia de observação participante, pois ela iria lidar com “lixo”.

Essa percepção foi mudando, pois viu que muitas delas se arrumavam mais do que a pesquisadora. É claro que uma ou outra ficava com seu uniforme um pouco sujo, mas, elas sempre estavam de cabelos arrumados, com muitos enfeites como anéis, brincos, colares, flores no cabelo, objetos que, alguns, pelo que foi observado, são provenientes dos achados de seu trabalho. Eles iam compondo não só seus corpos, mas também o espaço da associação. A presença de uma das pesquisadoras em campo se deu num total de nove dias, período entre 9 a 19 de junho de 2015, no qual uma das pesquisadoras teve participação no cotidiano das pesquisadas entre os horários de 7h e 30min às 12h.

Após a exposição de nosso percurso metodológicos, abordaremos, na próxima seção, o processo de significação dos espaços pelas catadoras de materiais de reciclagem, tendo como referência uma associação no município de Vitória, Espírito Santo.

5 CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO OS ESPAÇOS DA CASA E DA RUA NUMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Compartilhando do entendimento que DaMatta (1997a) tem sobre espaço como sendo para além de demarcação de um pedaço, de uma estrutura, tendo o espaço como uma relação moral, uma invenção social, com múltiplas construções e significações. Observamos essas fronteiras sendo construídas e desconstruídas pelas catadoras através de suas falas e ações. Em suas narrativas, através de conversas informais e por meio de entrevistas, pudemos fazer uma leitura da temporalidade das demarcações do espaço da rua e da associação, aqui sendo denominada enquanto um espaço da casa.

Segundo DaMatta (1997a) não tem como significar espaço sem o tempo. O tempo é sempre trazido nas narrativas “[...] permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização.” (DAMATTA, 1997a, p.24). Não se pretende entrar no mérito do saudosismo ou das lembranças passadas como algo que se pretende esquecer, como pontua DaMatta (1997a), mas como cada catadora tem a construção do espaço vivido numa determinada temporalidade.

A observação participante foi realizada numa associação de catadores e catadoras, na qual fizemos a interpretação de ser um espaço da casa, por conter características de um ambiente familiar, pois a maioria, na associação, tem algum vínculo familiar ou tem seu companheiro, ou sua companheira trabalhando no local. Quando não tem nenhum vínculo de parentesco, por vezes uma das pesquisadoras escutou um membro se referir a uma catadora como mãe ou tia. Além disso, é um espaço que busca valorizar a coletividade, a cooperação entre os membros. Somado a esses aspectos, os catadores e as catadoras dormem na associação, por ter jornada noturna de trabalho. Essa decisão foi tomada, devido a ocorrer inúmeros assaltos no local e a organização não possuir nenhum equipamento de vigilância.

Com isso, as características observadas na associação nos permitiram caracterizá-la enquanto o espaço da casa. DaMatta (1997a, p.34) conceitua casa como sendo um local que encontra “[...] laços de simpatia, lealdades pessoais, complementaridades, compensações e bondades (ou maldades!) O espaço da casa!”. É onde “[...] as relações são harmoniosas e as disputas devem ser evitadas” (DAMATTA, 1997a, p.38).

É comum ouvir dizer que o local de trabalho configura-se enquanto a segunda casa do trabalhador. Este discurso é afirmado na fala de um dos parceiros da associação, a empresa T, ao visitar a organização. Ele ressalta, em sua fala, que os associados têm que cuidar bem da organização da associação, visto que é a segunda casa deles, é o local em que eles passam mais tempo. Ele acrescenta dizendo que um parceiro ao chegar e ver a associação arrumada irá ter prazer em montar ou permanecer com uma parceria. Esse argumento auxilia a reforçar a ideia que se tem da associação enquanto casa, um ambiente harmonioso, onde as pessoas devem se sentir bem acolhidas.

Mas, essa foi a maneira de pensar de um parceiro da associação. E no que diz às catadoras? Elas também constroem o espaço da associação enquanto uma casa? Ao menos, de acordo com a fala da catadora E, ela tem a associação como um ambiente de casa “somos sim uma família, aqui todos nós queremos bem, é claro que tem uma briga aqui e outra acolá, como em qualquer lugar, mas somos muito unidos, unidos até demais” (Trecho da entrevista).

Oposto ao espaço da casa é o da rua. Para DaMatta (1997a, p. 39) “[...] a rua é local de individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si” . A significação desse espaço, para as catadoras, foi percebida através de suas narrativas, tanto informais, quanto por meio de entrevistas. Estas narrativas vinham, de modo aleatório nas conversas na mesa de triagem, quando elas traziam da memória suas vivências na rua, como no relato de A: “[...] na rua era bem mais difícil [...] nem os carros, nem as pessoas respeitavam, achavam que a gente não prestava só porque estávamos catando na rua” (Diário de Campo dia 12/06/2015). Na entrevista com a catadora E também percebemos que a rua era tida como um espaço perigoso “o trabalho

na rua é muito pesado [...] já dormi várias vezes na rua com medo de roubarem a carga do carrinho ou que coloquem fogo” (Trecho da entrevista).

Porém, esse espaço de casa também tem seus locais “arruados”. Esta foi a primeira percepção de uma das pesquisadoras ao chegar na associação, pois quase não conseguiu entrar, devido à quantidade de *bags* que estavam na porta de entrada. Estes *bags* continham os materiais a serem selecionados entre recicláveis e rejeitos. DaMatta (1997a, p. 40) conceitua por espaços arruados aqueles que “[...] fazem ponte entre o interior e o exterior”, assim a porta é um local “arruado”.

Outro espaço “arruado” é o galpão o qual fica as mesas de triagem, pois para a pesquisadora, que foi a campo, aquele espaço é permeado intensamente pela rua. Isso porque todo tipo de resíduo vai parar na mesa, para depois começar o processo de separação do que é reciclável e do que é rejeito. Esta foi uma grande dificuldade para uma das pesquisadoras, uma vez que ela não estava habituada a lidar com restos de comida degradada, além de outros lixos que vinham em meio aos materiais recicláveis. O que para uma das pesquisadoras era nojento, para uma das catadoras não fazia muita diferença, pois ela realizava a separação sem luvas.

Ao retornar a mesa percebi que minhas luvas tinham sumido, perguntei as catadoras que estavam comigo, mas ninguém falou nada sobre o assunto. Não insistir na busca e nos questionamentos, pois percebi que estava sendo desagradável. Assim, com uma cara de nojo e só pegando com as pontas dos dedos fiz a triagem sem as luvas, pensando nas mil coisas que estavam lá misturadas. Mas, só pegava o que realmente eu tinha certeza onde estava colocando minha mão. Nessa hora reparei que a catadora A estava sem luvas e não fazia cara de nojo e nem escolhia o que iria pegar da mesa. (Diário de Campo do dia 12/06/2015).

A pesquisadora, que foi a campo, entendeu que usar luvas era uma imposição, pois nas ruas elas não tinham essa prática. Ter as luvas como um dos seus instrumentos de trabalho consiste numa ordem determinada pelos órgãos fiscais. Assim, algumas utilizam para que a associação não seja multada e não como forma de prevenir acidentes e ou doenças. Isso se tornava claro no decorrer das observações participantes, pois quem menos tinha o hábito de usar luvas eram aquelas que vivenciaram uma experiência, antes da associação, de catarem nas ruas.

O sentimento da pesquisadora, que foi a campo, é que mesmo que as catadoras não estejam nas ruas, a rua ainda faz parte de seu cotidiano. Isso porque no processo de triagem dos materiais é quase que uma cata em meio a todo tipo de rejeito que as pessoas julgam ser material reciclável, ou, na nossa concepção, as pessoas ainda vinculam a imagem do catador à sujeira, à rua, a tudo aquilo que não presta. Como relata DaMatta (p.1997a, p.12 “Limparamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo [...]”. Dessa forma, entendemos que pelo fato de chegar todo tipo de lixo na associação de catadores de materiais recicláveis, advindo tanto de residências quanto de órgãos do governo, este espaço de trabalho pode ser configurado também enquanto um espaço “arruado”.

Apesar do descaso que a população tem ao depositar lixo nos Pontos de Entrega Voluntária (PEVs) de materiais recicláveis, a catadora E relata que ao entrar para a associação percebeu que as pessoas passaram a vê-la com “outros olhos”. DaMatta (1997a, p. 12) pontua que “Em casa somos todos, conforme tenho dito, ‘supercidadãos’”. Para a referida catadora estar na associação a trouxe “[...] dignidade. Quando digo dignidade é em relação à visão que as pessoas têm sobre o nosso trabalho, vestir um uniforme, ser respeitado” (Trecho da entrevista, catadora E).

Nesta fala ela se remete a estar num espaço privado, familiar. Além de usar um uniforme como sinônimo de dignidade. Bresler (2009, p. 116), relata “[...] a importância que cada uniforme tem”. Com o uso do uniforme se pode fazer a distinção entre uma simples catadora de rua e uma catadora de materiais recicláveis da associação tal, porque nada pior “[...] quando não há nenhuma possibilidade de definir alguém socialmente por meio de sua relação com alguma coisa” (DAMATTA, 1997a, p. 42).

Além de ser um espaço perigoso, a rua é tida como local no qual estão pessoas que não têm boa índole. Esta característica é comum àquelas pessoas que estão ou são da rua, porque neste espaço

[...] até hoje a sociedade parece fiel à sua visão interna do espaço da rua como algo movimentado, propício a desgraça e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas com indigentes e tomadas pelo que não são. Nada pior para cada um de nós do que ser tratado como “gente comum”, como “zé-povinho sem eira nem beira” (DAMATTA, 1997, p.42).

A catadora E narrou que “na rua as pessoas acham que a gente é morador de rua, alcóolatra, usuário de drogas, malandro” (Trecho da entrevista). Além disso, as pessoas olhavam para ela com ar de desprezo ou com piedade, imagens as quais ela não queria ser remetida, pois, na concepção de E, ela estava na rua desenvolvendo o seu trabalho.

No entanto, esta não é uma compreensão comum. As catadoras B e C, de um modo ou de outro, falaram que gostavam de catar na rua, apesar das dificuldades “do carrinho muito pesado” (Trecho da entrevista catadora C) de muitas vezes que “pedia ajuda para consegui abaixar o carrinho para poder puxar” (Trecho da entrevista catadora C), mas que também tinha um lado positivo, como retrata esse trecho da entrevista:

[...] naquela época eu ganhava mais do que ganho aqui [...] na rua as pessoas te verem têm compaixão de você [...] me davam 20, 50 reais, cesta básica [...] não faltava nada em casa de tanta coisa que eu ganhava [...] eu catava na rua e vendia no ferro velho [...] se ainda tivesse ferro velho eu saía daqui para catar para vender no ferro velho e ia ganhar mais dinheiro (Trecho da entrevista catadora B).

A mudança de espaço, de acordo com a catadora B, dificultou o seu rendimento, tanto pelo fato citado acima, como também, ainda segundo seu relato, “[...] a gente perde um tempo danado separando rejeito [...] a gente chama o pessoal da prefeitura para eles verem a quantidade de rejeito” (Trecho da entrevista catadora B). Esses rejeitos são vindos dos materiais que o caminhão da prefeitura recolhe nos PEVs e também dos condomínios associados à coleta seletiva. Esses rejeitos significam todo tipo de lixo.

Diante desse cenário, essa foi a maior dificuldade de uma das pesquisadoras no trabalho na associação, separar dos recicláveis as fraldas descartáveis, os lenços, os papeis higiênicos e absorventes usados, isso quando não aparece cachorro morto, como relatou a catadora A. Assim, mesmo não estando nas ruas as catadoras inda são vinculadas à imagem de serem “subcidadãs”, visto que enfrentam condições de trabalho desumanas. Ao menos esta é a nossa compreensão, uma vez que em meio a tanto papel higiênico e fraldas usadas, nos perguntávamos o que as pessoas entendem por material reciclável e qual o papel do catador ou da catadora dentro de uma associação? Apesar de não ser o foco deste trabalho, é válido mencionar que a situação encontrada no campo trazia questionamentos acerca do intuito da população ao encaminhar o lixo para a associação.

Foi questionado, em entrevista, sobre este aspecto com a catadora E, ela disse que

É claro que aqui não é uma maravilha [...] em comparação com antes aqui tá bem. O reconhecimento do nosso trabalho vem por uma visita, como você querendo conhecer nosso trabalho, uma advogada [...] que tria com a gente. Isso faz com que nós, com que as meninas que estão na mesa, se sintam bem, sintam que o trabalho que elas desenvolvem é bem visto, que vocês que têm um nível de instrução maior está lá com elas numa relação de iguais, mesmo que tenham experiências e realidades diferentes, mas que naquele momento vocês partilham da mesma experiência [...] Gosto de iniciativas assim, pois faz com que a gente se sinta valorizado. Também o pessoal do governo quando me chamou para ajudar a mobilizar os catadores das novas associações, eu irei realizar o trabalho [...] A doutora [...] também pede minha ajuda, igual a visita de ontem que te mostrei as fotos, era para a representante do movimento ter ido, mas eu fui convidada, me sinto bem fazendo isso [...] (Trecho da entrevista).

Nesta fala E relata que a mudança de espaço contribuiu para que haja esta valorização do trabalho delas e que existe, como foi citado anteriormente, uma mobilização para que os catadores que estão ainda nas ruas, e principalmente nos lixões, formem uma associação ou cooperativa, para que saiam dos espaços das ruas e venham para um espaço mais privado, familiar, seguro. Antes da entrevista, a catadora E havia mostrado as fotos dos catadores que estavam num lixão num município da Grande Vitória, Espírito Santo, onde não possuíam estrutura para os proteger de sol e da chuva, nenhum lugar apropriado para fazer a comida, onde catavam de cócoras, sem banheiro ou qualquer outra estrutura para a realização de seu trabalho. Em relação a esta situação a catadora E diz que trabalhar na associação lhe trouxe novos horizontes, dignidade, como se tivesse uma cidadania em casa e outra na rua, como pontua DaMatta (1997a).

Como caracterizamos, o galpão de triagem como um espaço “arruado”, também tem locais os quais são de difícil acesso, como as baias dos materiais já separados, as prensas e, principalmente, o escritório. São os espaços os quais DaMatta (1997a) caracteriza como sendo mais íntimos. O trabalho na prensa é caracterizado pela catadora E como tipicamente masculino, pois requer força. Apesar disso, havia mulheres executando esse trabalho. As mulheres são maioria na associação. São elas quem ocupam os cargos de liderança, uma vez que a presidente, a tesoureira e as fiscais eram todas mulheres. Nesse sentido, o fato de o grupo ser majoritariamente feminino já significa uma característica genérica de que a casa é um espaço privilegiado da mulher, como defende DaMatta (1997a). O citado autor, faz essa menção aos afazeres da casa ao universo feminino.

Na associação cabia aos homens as tarefas que exigiam mais força, tais como arrastar bags, subir na mesa, esvaziar os tambores e ficar na prensa. No entanto, todos faziam tudo, como citou a catadora C. Uma das pesquisadoras também pôde vivenciar essa rotatividade, pois além de triar, ela subiu na mesa para enchê-la de materiais e, quando foi preciso, puxou os grandes *bags* pesados.

Assim como existem espaços na casa os quais são “arruados”, também existem espaços da rua que são “privados”, que são familiarizados, ou são a extensão da casa. No primeiro dia de observação participante, quando todos terminavam de almoçar saíram do refeitório.

Ao sair percebo que estavam todos, exceto os membros da diretoria e a catadora novata, na calçada deitados e ou sentados, jogando conversa fora. Estranhei o fato deles descansarem fora do ambiente da associação, no meio da rua, onde todos passam. As pessoas passavam e nem os olhavam. Estavam uns deitados no papelão e outros no chão (Diário de Campo dia 09/06/2015).

Com o tempo, a pesquisadora, que foi a campo, percebeu que estar na calçada descansando o almoço fazia parte, na percepção dela, de ficar longe, por uns instantes, do trabalho rotineiro e cansativo. Além disso, a pesquisadora compreendeu que dentro da associação não haveria espaço limpo e aconchegante para que eles pudessem “estirar as pernas” e puxar um trago de cigarro, até porque é proibido fumar dentro da associação. Assim, naquele momento a calçada parecia ser um espaço familiar, de aconchego, de descanso, a extensão da casa, da associação.

DaMatta (1997a, p.96, grifos do autor) relata que “[...] a própria *rua* pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da *casa*, ao passo que zonas de uma *casa* podem ser percebidas em certas situações como parte da *rua*”. Esta ação causou estranheza, a primeira vista, a pesquisadora que foi a campo, visto que ela não tinha a percepção que poderia ter a calçada como um lugar de descanso. Na fala de E percebemos que para quem trabalhou e dormiu na rua, este espaço é familiar. Talvez nem todas tenham a mesma construção, mas para elas não as incomodavam estar deitada na calçada descansando após o almoço.

Assim, conceituar casa e rua não é uma tarefa fácil, visto que seus significados variam tanto de pessoa para pessoa, das experiências que cada uma teve antes de estar na associação de catadores de materiais recicláveis, quanto dos momentos históricos.

6 CONCLUSÕES

Este trabalho teve o intuito de enriquecer a área de simbolismo organizacional com uma leitura damattiniana sobre as significações dos espaços casa e rua, sem a pretensão de esgotar os significados simbólicos dos espaços que as catadoras de materiais recicláveis constroem e reconstroem no seu cotidiano. Apesar de reconhecer as limitações da abordagem de DaMatta acerca dos referidos espaços, entendemos que sua abordagem possibilitou uma análise em conformidade com os dados da pesquisa, auxiliando-nos a construir um raciocínio que tornasse possível o alcance do objetivo proposto.

Além de possibilitar a interpretação das significações que as catadoras de materiais recicláveis de uma associação têm sobre as categorias casa e rua, também tornou possível a nós, como pesquisadoras, uma reconstrução dos significados desses espaços. Foi-nos possível perceber que eles se encontravam tão enraizados que nunca havíamos nos questionado acerca de nossas construções sociais relacionadas aos mesmos. Se elas eram percepções genéricas e socialmente construídas e reforçadas, ou não, pois tínhamos o espaço da casa enquanto um lugar harmonioso, onde reina a tranquilidade um espaço de cidadania, de dignidade, enquanto o espaço da rua era tido como o espaço sujo, onde ficam os malandros, meliantes, moradores de rua, um local perigoso.

Isso foi perceptível na escolha do *locus* de pesquisa, uma vez que tivemos preferência em estar numa associação ao invés de acompanhar um catador individual visto que uma de nós, atuando como pesquisadora em campo, sendo mulher, entendia que estaria mais sujeita à violência, estando na rua. Esta percepção advinha da construção histórica, social e moral que as pesquisadoras tinham do espaço da rua. Assim como do espaço da casa, onde, ao nosso ver, reinava apenas o afeto, a harmonia, a alegria de estar em família.

Isto vale para cada catadora, visto que observamos que cada uma tem construções diferentes do que seja o espaço da casa e da rua. Em tempos diferentes a rua foi apresentada por uma catadora com dois significados distintos. Percebemos que muitas vezes a rua era tida como um espaço de acolhida, de descanso, de compaixão, mas também, um espaço perigoso, onde não havia respeito e reconhecimento.

Enquanto para algumas o trabalho na associação as afastava de uma imagem de morador de rua, malandro, alcoólatra ou drogado. Para outras, o trabalho na rua possibilitava que as pessoas as vissem com compaixão, não lhes deixando faltar nada em casa e até ganhando mais dinheiro. Ou seja, na rua era possível ganhar mais, era o espaço da individualização, dos negócios, ao passo que também vivem os malandros e os drogados. A casa (associação), apesar de apresentar locais arruados, trazendo a rotina da rua para o cotidiano das pesquisadas, para algumas, era vista como um espaço de abrigo, um ambiente familiar, onde há estreitos laços de amizade e companheirismo.

O que se apresentou, com frequência, foram mulheres que tiveram experiências no espaço da rua com a cata de materiais recicláveis. Este espaço é construído de diferentes formas desde “a rua é ruim, a gente tá debaixo de sol e chuva” (Diário de campo dia 10/06/2015) até “se ainda tivesse ferro velho eu saia daqui para catar para vender no ferro velho e iria ganhar mais dinheiro” (Trecho da entrevista da catadora B).

Diante disso, não podemos deixar aqui um conceito genérico do que venham ser casa e rua para as catadoras de materiais recicláveis da associação pesquisada. Assim, entendemos por ter percebido que as categorias casa e rua não são tão homogêneas como se apresentavam, uma vez que o sentido que cada uma dá para esses espaços são de modos diferenciados em tempos distintos. São construções que começam a fazer sentido quando se observa que umas catadoras usam luvas e outras não, umas preferem ficar na mesa de triagem e outras em todos os processos de trabalho nos quais as demandarem, umas usam o uniforme diariamente, enquanto outras nunca vimos usando. Todas essas diferenças refletem a construção que elas fazem dos espaços que elas permeiam.

Além disso, entendemos que não se consegue separar, de modo distinto, o que se delimita enquanto espaço da casa e da rua, visto que, em alguns casos a casa também se apresenta enquanto um lugar perigoso, a exemplo dos roubos constantes ocorridos na associação. Também, não podemos afirmar que a casa é tida como o espaço do “supercidadão”, uma vez que o desrespeito para como as catadoras de materiais recicláveis ainda permanecem quando nos *bags*, de materiais recicláveis, ainda chegam

sacos e sacos de cocô de cachorro, papel higiênico, fraldas e absorventes usados. Isso corrobora com o argumento de Souza (2001), pois, para o citado autor, o espaço o qual o sujeito está referenciado não determina seu status de indivíduo ou pessoa.

Um ponto que não aprofundamos, mas que foi perceptível na associação de catadores, é a predominância de mulheres no espaço da casa (associação). Essa relação se dá em conformidade com as ideias de DaMatta (1997a), quando o autor argumenta que a casa, o lar, é um espaço predominantemente feminino. Na associação pesquisada, além de a maioria ser composta por mulheres - 19 mulheres e apenas seis homens - eram elas quem ditavam o ritmo, tanto na presidência, quanto na mesa de triagem. Uma vez que entendemos que outros motivos podem contribuir para a prevalência de mulheres nesse espaço, observamos neste dado uma oportunidade investigativa para pesquisas futuras.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. GOBBI, H. **Lugar de toda pobreza**. Vitória: UNIGRAFIC, 1983.

AMUNES. Sistema de acompanhamento dos TCAs. Disponível em <>. Acesso em: 15 de Novembro de 2015.

BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho “informal”: O caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.23. n.67, p.101-117, jun. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n67/08.pdf>>. Acesso em: 19 de Junho de 2015.

BRASIL. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2013. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavel_brasil.pdf>, Acesso em: 19 de Junho de 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**, Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso em: 19 de Junho de 2015.

BRESLER, R. A roupa surrada e o pai: etnografia em uma marcenaria. In: MOTTA, F.C.P.; CALDAS, M.P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 111-126.

CARRIERI, A. P. et al. Construção de Estratégias e os Espaços Simbólicos: um estudo no *Shopping* Popular Oiapoque. **Cadernos EBAPE.BR**. v. 6, n.2, Jun. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v6n2/v6n2a04.pdf>>. Acesso em: 20 de Junho de 2016.

CAVEDON, N. R. **Antropologia para administradores**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CORSO, K. B.; CAVEDON, N. R.; FREITAS, H. Mobilidade Espacial, Temporal e Contextual: um estudo de inspiração etnográfica sobre o Trabalho Móvel em Shopping Center. **Revista de Administração da UFSM**. v. 8, n. 1, Mar. 2015, p. 141-156. Disponível em < <http://periodicos.ufsm.br/reaufsm/article/view/7242/pdf> >. Acesso em: 10 de Julho de 2016.

DALLA CHIESA, C.; FANTINEL, L. “Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia”: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”. VII ENEO. **Anais ...** Gramado, 2014.

DAMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil** (5ª ed.). Rio de Janeiro: 1997a.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara: Zahar, 2009.

MAGALHAES, B.J. **Catadores de Materiais Recicláveis, Consumo e Valoração Social**. Ver. UFMG, Belo Horizonte. V. 20, N. 1, P. 246-265, JAN./JUN., 2013. Disponível em < www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/12-catadores_de_materiais_recicl_veis_beatriz_judice.pdf >. Acesso em: 30 de Junho de 2015.

MAGNANI, J. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

ROCHA, E.; BARROS, C.; PEREIRA, C. Fronteiras e limites: espaços contemporâneos da pesquisa etnográfica. In: CAVEDON, N. R.; LENGELER, J. F. B. **Pós-modernidade e etnografia nas organizações**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SILVA, L. S.; ZANINI, M. C. Narrativas possíveis entre trabalhadores com o lixo: economia solidária, espaço urbano e meio ambiente. **Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais, n. 38, Abril de 2013, pp. 287-305. Disponível em < <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/15060> >. Acesso em 30 de junho de 2015.

SOARES, L. A.. Entre a "Casa" e a "Rua": revisitando o espaço shopping center no Brasil . In: XXIV ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - ENANPAD. (2000: Florianópolis). **Anais ...** Disponível em < [http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/2/Artigo%20\(Alfredo%20Silva\).pdf](http://www.fucape.br/_public/producao_cientifica/2/Artigo%20(Alfredo%20Silva).pdf) > . Acesso em: 20 de Junho de 2016.

SOUZA, J. A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 16 n.

45, fev., 2001. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n45/4330>>. Acesso em: 18 de Janeiro de 2016.

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 22, n. 63, Fev. 2007.